

A rede da Leonor



Na turma da Leonor havia agora uma coisa nova: uma rede.

Disseram-lhes que servia para falar, partilhar, mostrar o que faziam. E funcionava mesmo. Bastava escrever.

A Leonor imaginou-a como uma rede a sério, feita de fios invisíveis, a ligar todos os colegas. Como se estivessem de mãos dadas, mesmo quando estavam em casas diferentes.

No primeiro dia, a rede encheu-se depressa.

"Bom dia!"
"Olhem o meu desenho!"
"Quem quer jogar no recreio?"

A Leonor sorria enquanto lia. Parecia que todos estavam mais perto. Parecia que ninguém ficava de fora.

Durante algum tempo, foi assim.

Mas depois começaram a aparecer outras mensagens.

Primeiro uma.
Depois outra.

"Isso está feio."
"Não sabes jogar."
"Não queremos brincar contigo."

A rede continuava cheia.
Mas já não parecia a mesma.

As palavras estavam lá, como antes.
Mas agora pesavam mais.

No dia seguinte, ninguém falou disso.

Mas a Leonor reparou.

O Tomás respondeu mais baixo quando a professora lhe fez uma pergunta.
A Inês não mostrou o desenho que tinha levado. Ficou dentro da mochila.
E o Rafael ficou sozinho no recreio, a dar pontapés numa pedra pequena.

Ninguém disse porquê.

À tarde, a Leonor voltou à rede.

Leu as mensagens devagar.
Uma a uma.

E voltou a imaginar os fios.

Desta vez, não estavam direitos nem seguros.

Alguns estavam esticados.

Outros pareciam soltos.

— E se a rede se rasgar? — pensou.

Ficou a olhar para o ecrã.

Na rede, podia escrever-se tudo.

Ou não se escrever nada.

Podia continuar como estava.

Ou podia ser diferente.

A Leonor pensou — não muito, mas o suficiente.

Pensou no Rafael, sozinho no recreio.

Pensou no desenho da Inês, escondido na mochila.

Pensou no Tomás, a falar mais baixo do que antes.

E escreveu:

"Gostei do teu desenho, Inês."

"Rafael, amanhã jogamos juntos?"

"Tomás, queres fazer equipa comigo?"

Ficou à espera.

Durante um bocadinho, não aconteceu nada.

Depois apareceu uma resposta.

E outra.

E outra.

Não eram muitas.

Nem todas eram como as da Leonor.

Mas eram diferentes.

A Leonor voltou a imaginar a rede.

Devagar, alguns fios começaram a apertar-se outra vez.

Outros ficaram como estavam.

A rede não ficou perfeita.

Nem todos os nós se refizeram.

Mas já não parecia prestes a partir.

E a Leonor percebeu:

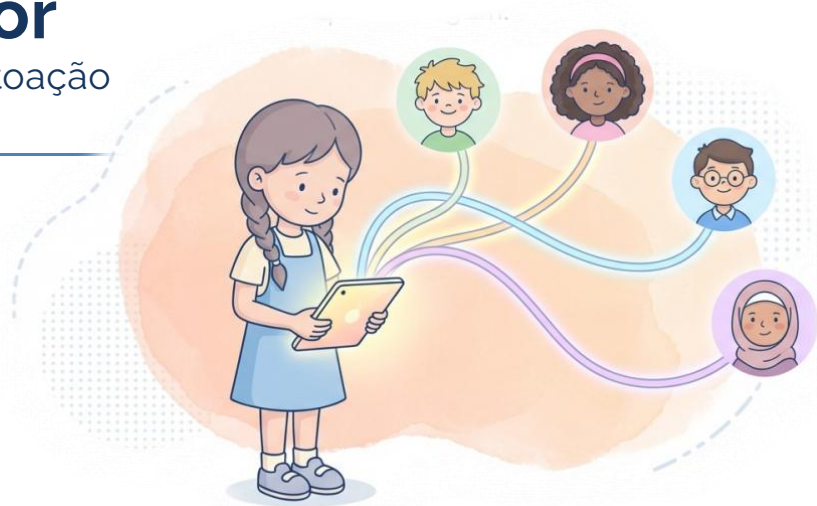
A rede não decide o que passa por ela.

Somos nós.



A rede da Leonor

Versão com marcação de entoação
(para leitura partilhada)



(Os leitores alternam conforme indicado; as indicações entre parênteses orientam a leitura.)

Leitor A (tom calmo)
Na turma da Leonor havia agora uma coisa nova: uma rede. (pausa)

Leitor B (tom explicativo)
Disseram-lhes que servia para falar, partilhar, mostrar o que faziam.

Leitor C (ligeiro entusiasmo)
E funcionava mesmo. Bastava escrever.

Leitor D (tom imaginativo)
A Leonor imaginou-a como uma rede a sério, feita de fios invisíveis, a ligar todos os colegas.

Leitor E (tom suave)
Como se estivessem de mãos dadas, mesmo quando estavam em casas diferentes.

Leitor F (tom vivo)
No primeiro dia, a rede encheu-se depressa.

Leitor G (alegre)
"Bom dia!"

Leitor H (orgulhoso)
"Olhem o meu desenho!"

Leitor I (entusiasmado)
"Quem quer jogar no recreio?"

Leitor J (feliz)
A Leonor sorria enquanto lia.

Leitor K (calmo)
Parecia que todos estavam mais perto.

Leitor L (reforço)
Parecia que ninguém ficava de fora.

Leitor A (transição)
Durante algum tempo, foi assim.

Leitor B (mais lento)
Mas depois começaram a aparecer outras mensagens.

Leitor C (pausado)
Primeiro uma.

Leitor D (pausado)
Depois outra.

Leitor E (seco)
"Isso está feio."

Leitor F (frio)
"Não sabes jogar."

Leitor G (duro)
"Não queremos brincar contigo."

Leitor H (lento)
A rede continuava cheia.

Leitor I (contraste)
Mas já não parecia a mesma.

Leitor J (reflexivo)
As palavras estavam lá, como antes.

Leitor K (ênfase)
Mas agora pesavam mais.

Leitor L (calmo)
No dia seguinte, ninguém falou disso.

Leitor A (atento)
Mas a Leonor reparou.

Leitor B (baixo)
O Tomás respondeu mais baixo
quando a professora lhe fez uma
pergunta.

Leitor C (contido)
A Inês não mostrou o desenho que
tinha levado.

Leitor D
Ficou dentro da mochila.

Leitor E (triste)

E o Rafael ficou sozinho no recreio, a
dar pontapés numa pedra pequena.

Leitor F (neutro)
Ninguém disse porquê.

Leitor G
À tarde, a Leonor voltou à rede.

Leitor H
Leu as mensagens devagar.

Leitor I
Uma a uma.

Leitor J (imaginativo)
E voltou a imaginar os fios.

Leitor K (tensão leve)
Desta vez, não estavam direitos nem
seguros.

Leitor L
Alguns estavam esticados.

Leitor A
Outros pareciam soltos.

Leitor B (pensativo)
— E se a rede se rasgar? — pensou.

Leitor C
Ficou a olhar para o ecrã.

Leitor D
Na rede, podia escrever-se tudo.

Leitor E
Ou não se escrever nada.

Leitor F
Podia continuar como estava.

Leitor G (ênfase)
Ou podia ser diferente.

Leitor H
A Leonor pensou — não muito, mas o suficiente.

Leitor I
Pensou no Rafael, sozinho no recreio.

Leitor J
Pensou no desenho da Inês,
escondido na mochila.

Leitor K
Pensou no Tomás, a falar mais baixo
do que antes.

Leitor L
E escreveu:

Leitor A (positivo)
"Gostei do teu desenho, Inês."

Leitor B (acolhedor)
"Rafael, amanhã jogamos juntos?"

Leitor C (cooperativo)
"Tomás, queres fazer equipa comigo?"

Leitor D
Ficou à espera.

Leitor E
Durante um bocadinho, não
aconteceu nada.

Leitor F
Depois apareceu uma resposta.

Leitor G
E outra.

Leitor H
E outra.

Leitor I
Não eram muitas.

Leitor J
Nem todas eram como as da Leonor.

Leitor K
Mas eram diferentes.

Leitor L
A Leonor voltou a imaginar a rede.

Leitor A
Devagar, alguns fios começaram a
apertar-se outra vez.

Leitor B
Outros ficaram como estavam.

Leitor C
A rede não ficou perfeita.

Leitor D
Nem todos os nós se refizeram.

Leitor E
Mas já não parecia prestes a partir.

Leitor F (claro)
E a Leonor percebeu:

Leitor G (ênfase)
A rede não decide o que passa por ela.

Leitor H (firme)
Somos nós.

